

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999



VA
|
|
|

“Apenas alta noite algum radioso espelho em sua lâmina reflete o que estou sendo. E em meu assombro nem conheço o próprio olhar.”

(Cecília Meireles. “Poema nº 9”. In *Solombra*)

Ester e o espelho

□ BRANCA BAKAJ

Ester viu que não fora só seu rosto que mudara, seu olhar, principalmente, denunciava tanta coisa que lhe parecia desconhecida: um toque de cansaço, misturado a um ar questionativo, tentando resgatar uma inocência perdida...

A visão que teve de seu olho refletido naquele espelho antigo e rebuscado - desde sempre ali colocado, no corredor interminável da casa de sua avó - fez com que Ester o olhasse tão atentamente e surpresa, como se o visse pela primeira vez. Tentava nele encontrar algo que funcionasse como um referencial salvador, mas, como que hipnotizada pela súbita visão, quedou-se parada a buscar, na expressão daquele olhar projetado num reflexo meio obscuro, as raízes de tal espanto.

Lembrou-se Ester de Leonardo da Vinci, que lhe ensinara ser o olho a janela do corpo humano, “por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento”.

O que ela queria era o diálogo entre os olhos e seu coração. Queria incendiar sua alma com recônditos furores.

Ester viu que não fora só seu rosto que mudara, seu olhar, principalmente, denunciava tanta coisa que lhe parecia desconhecida: um toque de cansaço, misturado a um ar questionativo, tentando resgatar uma inocência perdida (razão, quem sabe, das inseguranças que sempre a acompanhavam) e saldar aquelas culpas tão inerentes à cultura judaico-



cristã em que estava envolvida. Seu próprio nome era um marco divisorio entre estas duas culturas.

Gostaria de não ser tão reflexiva, de não questionar este mundo tão louco, mas também não queria perder o olho da mente, já que, para Sócrates, tal perda representava a fonte da real cegueira.

Nada mais indispensável do que estar com o olhar aberto à visibilidade - do visível propriamente dito e até do invisível.

Na percepção da metamorfose de seu olhar, deu-se conta da necessidade de buscar dentro de si mesma a verdade, para poder, agostinianamente, transcender.

O espelho lhe mostrara o limite entre a vida e a morte. Certamente, não iria buscar uma Eurídice no reino dos mortos, nem sofrer o trágico castigo de Orfeu. Gostaria, todavia, de merecer um tão louco amor, capaz de levar alguém a arriscar sua vida num resgate tão dantesco.

Ester se perguntava sobre quem seria capaz disso, para trazê-la de volta à vida.

Aquele espelho, que provocara o seu olhar, a havia chamado para fora, mas lhe propiciara, ao mesmo tempo, um mergulho no mais fundo de sua alma, num libertatório momento de reflexão.